



DL-01

Ses. Esp. 06/12/13

O Sr. PRESIDENTE (Sidelvan Nóbrega):- Bom-dia a todos e a todas.

Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial com o objetivo de discutir reparações para os filhos de portadores de hanseníase na Bahia e no Brasil, proposta por este deputado estadual Sidelvan Nóbrega.

Para compor a Mesa, convido o Sr. Alexandre Barone, Superintendente de Direitos da Pessoa com Deficiência da Secretaria de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos; a Sr^a Ceuci de Lima Xavier Nunes, Superintendente da Vigilância Epidemiológica da Sesab e diretora do Hospital Couto Maia, representando o secretário de Saúde do Estado da Bahia, Sr. Jorge Solla; o Sr. Thiago Flores, coordenador do Morhan e membro nacional da Comissão dos Filhos Separados da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República; o Sr. Názero de Jesus Costa, coordenador Estadual do Morhan; o Sr. Jorge Jambeiro, amigo, ex-companheiro, vereador da cidade de Salvador, professor, médico, grande especialista nessa área e assessor técnico do Morhan, que muito nos honra nesta manhã, para o qual peço uma salva de palmas. (Palmas).

Composta a Mesa, gostaria de que todos os senhores e senhoras se colocassem de pé para fazermos um minuto de silêncio em homenagem a um grande líder internacional, o Sr. Mandela, que faleceu ontem e que é um símbolo da luta no mundo todo. Especialmente pela nossa Bahia, eu gostaria de pedir um minuto de silêncio.

(É prestada a homenagem solicitada.)

Obrigado a todos.

Vamos permanecer de pé e ouvir o Hino Nacional.

(Execução do Hino Nacional.) (Palmas!)

O Sr. PRESIDENTE (Sidelvan Nóbrega):- Mais uma vez, quero agradecer as presenças de todos os senhores e senhoras aqui, especialmente a todos os membros desta Mesa, e dizer que esta sessão é a primeira no Estado da Bahia em que estamos discutindo este assunto.



Daqui, Dr. Thiago, sairá uma pauta para que possamos contribuir também para essa luta nacional pelos direitos dos filhos que foram separados dos pais. E certamente essa discussão vai ecoar por toda a Bahia. Vamos movimentar, Dr. Jambeiro, todos os municípios e mandar cópia das informações e diretrizes que serão tomadas nesta manhã a todas as nossas Câmaras de Vereadores, enviando-as igualmente a todos os prefeitos baianos, para que possamos fazer o levantamento necessário a que travemos este debate em todo o Estado, dada a importância histórica e de reparação a todos os filhos e todos os pais que sofreram com esse absurdo que o Estado Brasileiro cometeu com cada um deles.

A minha fala inicial era essa. Quero ainda dizer que o objetivo desta sessão é ouvir vocês que aqui se encontram, pessoas que estão há mais tempo lutando, se planejando e levantando essa bandeira por este Brasil afora. Agradeço também ao secretário Jorge Solla e ao governador Jaques Wagner por mandarem os seus representantes a esta Casa hoje, porque certamente o que for decidido neste evento chegará ao conhecimento deles. Essas são as minhas palavras iniciais. No decorrer desta sessão falaremos mais.



7803-III

Ses. Esp. 06/12/13

Or. Ceuci de Lima Xavier Nunes

Reparação para os filhos dos portadores de Hanseníase na Bahia e no Brasil.

O Sr. PRESIDENTE (Sidelvan Nóbrega):- Vamos ouvir a Dr^a Ceuci de Lima Xavier Nunes, superintendente de Vigilância e Proteção da Saúde da Sesab e diretora do Hospital Couto Maia, que, nesta oportunidade, representa o secretário Jorge Solla.

A Sr^a CEUCI DE LIMA XAVIER NUNES:- Bom-dia a todos.

Primeiro quero fazer uma correção, não sou a superintendente de Vigilância e Proteção da Saúde da Sesab, e, sim, a Sr^a Alcina Andrade, que também pediu para que eu a representasse.

Sou, atualmente, a diretora do Hospital Couto Maia, que em fevereiro deste ano recebeu a incumbência de assistir também os pacientes com hanseníase. É um local que, sabemos, está longe de ser o ideal, mas é em prol de uma coisa maior: a construção do Instituto Couto Maia, que assumirá as funções do atual Hospital Couto Maia e do Hospital Dom Rodrigo de Menezes, e que, com fé em Deus, passará a funcionar no ano que vem.

A previsão que temos de entrega da obra é setembro de 2014. Temos um *site* onde se pode acompanhar as fotografias da obra. Jair, hoje, solicitou que conversássemos com a empresa para permitir a entrada do Morhan para acompanhar, o que acho que é extremamente justo.

Aproveitando a oportunidade, segunda-feira, às 8h30min, vamos ter a apresentação da maquete virtual do novo hospital para termos uma ideia de como é que vai, realmente, ficar. Tenho certeza de que essa nova instituição vai ter um papel muito importante para detectar mais precocemente e tratar principalmente os pacientes mais complicados, o que é o papel de uma unidade especializada, porque o atendimento mesmo ao paciente hanseniano tem que ser feito na base, no município, nos centros de saúde, com pessoas preparadas para isso.

É com muita felicidade que estou aqui, e já tendo notícias de que a luta do Morhan tem tido resultados muito favoráveis. Acho que a humanidade perpetuou algumas



barbaridades com o apoio da Ciência, e uma delas foi em relação aos pacientes hansenianos e, principalmente, aos filhos recém-nascidos dessas pessoas, que foram tirados dos braços dos pais e mães e entregues para familiares, instituições e sofreram todo tipo de atrocidades.

E precisamos que a reparação seja feita rapidamente, porque muitas dessas pessoas já estão idosas e outras já morreram. Então, precisamos resgatar isso. Acho que esse preço a sociedade brasileira tem que pagar.

Sabemos que isso não aconteceu só no Brasil, mas em vários países do mundo. Mas temos uma dívida com os filhos dos hansenianos, que de alguma forma estão sendo ressarcidos. É claro que isso é muito pouco para ressarcir o prejuízo que essa população teve, mas espero que isso venha logo, que isso seja rapidamente colocado em prática apesar de todas as dificuldades que temos com a documentação que herdamos, muito pouca coisa, do Hospital Dom Rodrigues de Menezes, porque os prontuários da maioria das pessoas que foram internadas no início do hospital não existem mais. Temos ainda alguma documentação que poderá ajudar no resgate da identificação das pessoas que têm direito a esse benefício do Estado brasileiro.

Muito obrigada.

O Sr. PRESIDENTE (Sidelvan Nóbrega):- Muito obrigado, doutora.

(Não foi revisto pela oradora.)



7804-III

Ses. Esp. 06/12/13

Or. Alexandre Baroni

Reparação para os filhos dos portadores de Hanseníase na Bahia e no Brasil.

O Sr. PRESIDENTE (Sidelvan Nóbrega):- Quero fazer um registro. O Dr. Alexandre Baroni representa neste ato o Dr. Almiro Sena, secretário da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos do nosso Estado.

Com a palavra o Dr. Alexandre Baroni.

O Sr. ALEXANDRE BARONI:- Bom-dia.

Quero, antes de mais nada, agradecer em nome do secretário da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos, Dr. Almiro Sena, que está, neste momento, em outro evento, mas fez questão que eu estivesse aqui e em nome dele agradecesse a toda a Mesa na pessoa do deputado Sidelvan Nóbrega, um grande companheiro, alguém que tem lutado e, mais que isso, tem feito muito pelo Estado da Bahia, sobretudo para as pessoas com deficiência. E neste caso, especificamente, para as pessoas vitimadas pela hanseníase e pela falta de apoio do Estado. Estou aqui com Tiago, que acabei de conhecer, mas que é amigo de grandes amigos e que, com certeza, todos vocês devem conhecer... Eu estive entre 2006 a 2008, antes de vir trabalhar na Bahia, à frente da presidência do Conselho Nacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência, que é a instância máxima de discussão de políticas no Brasil. E lá, deputado, eu tive a oportunidade de – porque o Morhan, que é o órgão nacional que coordena toda essa ação é uma instituição extremamente forte e muito organizada e faz parte do Conselho Nacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência – conhecer Artur. Acho que todos vocês o conhecem, porque Artur é a figura mais histórica e que tem mais tempo nessa história toda de organização, tive a oportunidade de aprender com Artur. Depois, tive a grata satisfação de estar perto de figuras como Valdenora, que é do Morhan de Manaus, também do Morhan nacional - talvez vocês a conheçam - e também de Cristiano, que ocupava a comissão que trabalha para fazer a avaliação daqueles que têm direito à reparação. Cristiano é um amigo do Pará que eu também conquistei. São pessoas que tive oportunidade de conhecer e saber o quanto o trabalho do Morhan é importante.



Aqui na Bahia, quando cheguei, conheci uma figura que está ali em pé, o Jair. Eu até disse a ele: quando é que você vai falar de hanseníase para nós? Porque ele participa do Conselho Estadual Dos Direitos das Pessoas com Deficiência desde 2004, esse órgão é vinculado à Secretaria da Justiça Cidadania e Direitos Humanos. Lá tive a oportunidade de conhecer Jair, e, a partir dele, conhecer um pouco mais do movimento da hanseníase aqui na Bahia.

É óbvio que estamos falando de algo que, em tese, não precisaria estarmos aqui mais falando. É direito de vocês, e acabou! Como diz o secretário da Justiça, direito não se pede, direito se cumpre. Direito é direito.

Quando o presidente Lula assinou em 2007 o decreto que deu às vítimas da hanseníase a condição de receberem – para isso existe lá uma comissão de avaliação – a pensão vitalícia, eu não estava no momento, mas na reunião seguinte soube e vou resgatar aqui uma fala de uma situação bastante interessante. No ato, o presidente Lula falou, depois Cristiano falou, e aí o presidente Lula assinou o decreto. Cristiano, essa figura ímpar, uma pessoa muito simples, uma pessoa fantástica, resolveu pedir na fala dele a caneta do presidente Lula para ele guardar de lembrança, porque ali era um momento histórico na vida dele e para o movimento da hanseníase. E era uma caneta Mont Blanc, que custa alguns mil reais. E o presidente Lula não teve como dizer não e deu a ele a caneta. E Cristiano não estava preocupado se a caneta era Bic ou outra qualquer. Na reunião seguinte do Conselho Nacional, todo mundo queria a caneta. E ele dizia: esta caneta eu não dou, não vendo... Então, disseram: “Mas, rapaz, é uma caneta que custa mais de R\$ 5 mil.” Eu afirmei que se a mesma custasse R\$ 5 milhões, eu não daria, porque é uma caneta que mostra, na verdade, o quanto o Estado brasileiro, desde daquele momento então, tem a preocupação de resgatar os direitos das pessoas que vivem com a hanseníase e foram vitimadas por algo absurdo.

Confesso a vocês que, quando vi, fiquei sensibilizado. Tiago mostrará algumas imagens dos locais e de onde essas coisas aconteceram. Ficamos, absolutamente, perplexos com situações que não imaginamos serem possíveis de acontecer.

Então, aliás, eu, particularmente, quero, aqui, em nome do secretário da Justiça, Cidadania e Direitos humanos, mostrar. Já recebemos a equipe do deputado Sidelvan junto



com a organização da Bahia em, ao menos, duas reuniões. O secretário já se colocou à disposição para que tudo o que for possível nós fazemos no âmbito da nossa alçada obviamente.

Lembro que estamos tratando, aqui, de algo que é um direito humano, que é inalienável, que é o direito à vida, porque muitos de vocês e dos seus pais perderam a vida por conta de algo que era, absolutamente, inadmissível.

Então, queremos, na verdade, mais uma vez, dizer a vocês que existem parcerias como, por exemplo, com o Legislativo, com a Secretaria da Saúde, através de nossos sempre parceiros, o secretário Jorge Solla e sua equipe, pois têm sido grandes parceiros. Obviamente, há a parceria com o governo federal através da Secretaria de Direitos Humanos.

Ontem, tivemos um ato que demonstra a capacidade de o Estado resgatar e, muitas vezes, avançar no direito às pessoas com deficiências. Só quero fazer um registro aqui, deputado. Ontem, inauguramos a primeira rota acessível no Pelourinho. São 1.300 metros de calçadas e de passeios acessíveis no Pelourinho.

O governador, em sua fala, disse que estava muito feliz por inaugurar aquela pequena obra com uma pequena ação mas, ao mesmo tempo, estava triste por ver que custa tão pouco para que as pessoas tenham direito à sua cidadania. Isso me emocionou muito na fala do governador, porque a gente percebe que a sensibilidade do estado da Bahia, hoje, para as pessoas com deficiência, é absolutamente total.

Então, cabe a nós – estado, sociedade, movimento organizado, Casa Assembleia Legislativa, Poder Judiciário, enfim, todos os envolvidos – concretizarmos, pois não há mais dificuldades para isso.

Portanto, sei que, aqui, vocês, com certeza, terão todo o respaldo que já vêm tendo e o que mais for necessário para que isso aconteça concretamente. Este pleito de vocês será levado a cabo. E, mais uma vez, teremos êxito na garantia dos direitos das pessoas com deficiência e, obviamente, de todos aqueles que foram prejudicados por ela.

Nesse sentido, mais uma vez, quero agradecer a oportunidade de estar aqui e dizer a vocês o seguinte. Como uma pessoa com deficiência que hoje ocupa um cargo no estado mais precisamente na Superintendência dos Direitos da Pessoa com Deficiência, disse, esta



semana, em 3 de dezembro, Dia Internacional do Deficiente Físico, que me sinto duplamente responsável por estar aqui e, obviamente, tocar a política das pessoas com deficiência no estado da Bahia e fazer com que isso avance.

Primeiro, sou gestor público e estou a convite do secretário Almiro Sena e do governador do estado ocupando esta função árdua que exige muito esforço; mas, com muito prazer, eu ocupo este cargo neste momento. Digo, sempre, ser esta uma função que me dá muito prazer. Por que tal função me dá prazer? Porque ela me dá a oportunidade de cumprir com minha obrigação enquanto servidor público que estou e que sou neste momento, mas, como uma pessoa com deficiência como vocês, de poder ter a voz e ser, muitas vezes, a voz daqueles que não conseguem falar e daqueles que não conseguem enxergar.

Então, sintam-se mesmo acolhidos pelo estado da Bahia, sobretudo, pela Secretaria da Saúde, pela Secretaria da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos e por todas as outras secretarias. Tenham a certeza de que, quando baterem à porta, vocês serão acolhidos e, à nossa, com certeza, mais do que nunca. Nos procurem, falem, coloquem suas necessidades e coloquem aquilo que vocês precisam e faremos. Está certo?

Desejo um bom trabalho e que a gente tenha, na verdade, a garantia de todos os nossos direitos.

Muito obrigado. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-02

Ses. Esp. 06/12/13

O Sr. PRESIDENTE (Sidelvan Nóbrega):- Quero agradecer a esse grande Líder e defensor de todas as lutas. Esse ano que passou nós tivemos grandes vitórias nesta Casa, não é Barone, e ele é um companheiro que tem feito isso com um grande afinho, e vocês podem ter certeza que estará também engajado nesta luta no Estado da Bahia, para que a gente possa conquistar aquilo que é de direito. Como disse ele, direito não se discute, se executa. Então, acho que essa será a frase que nós vamos encampar essa bandeira no Estado da Bahia.

Mas, antes de passar a fala ao Thiago Flores, coordenador do Morhan e membro nacional da Comissão dos Filhos Separados da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, eu gostaria de passar um vídeo para que a gente pudesse ver as imagens, ver, realmente, o que a gente tem com relação a esse problema.

Antes de passar esse vídeo, quero convidar para compor a Mesa, eu acho que esta Mesa ainda não está completa, Thiago, falta aqui um dos filhos que sofreu essa separação e eu acho que ele tem que estar nesta Mesa, representando todos os outros que aqui estão.

Quero, portanto, convidar Isaías Tocha Ribeiro para compor também esta Mesa, trazer a sua faixa, acho que esta Mesa agora, sim, fica completa. (Palmas.)

Solicito ao pessoal técnico que preparem o vídeo a ser apresentado.

(Apresentação de vídeo.)



7805-III

Ses .Esp. 06/12/13

Or. Thiago Flores

Reparação para os filhos dos portadores de Hanseníase na Bahia e no Brasil.

O Sr. PRESIDENTE (Sidelvan Nóbrega):- Bom, quero passar a palavra para agora para o Dr. Thiago Flores. Ele vai falar como está esse movimento hoje no Brasil e qual a contribuição que o nosso Estado pode dar.

Com a palavra então o Dr. Thiago Flores.

O Sr. THIAGO FLORES:- Bom-dia, Sr. Deputado Sidelvan Nóbrega, o doutor é bondade do senhor. Não é preciso isso não, não tem nada disso não, a gente agradece em nome do Morhan nacional esta sessão que vem muito colaborar com a nossa luta do dia a dia. Vocês vão entender em que pé estamos hoje e é em que precisamos avançar.

Queria cumprimentar o Sr. Alexandre Barone, superintendente dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Já tive a oportunidade de conhecê-lo, e como a gente conhece muita gente em comum, então acaba que a gente se conhece agora, mas acaba se tornando amigo indireto.

Quero cumprimentar a Sr^a Ceuci Nunes, superintendente da Vigilância Epidemiológica da Sesab e diretora do Hospital Couto Maia.

Cumprimento o companheiro Sr. Názero Costa, coordenador do nosso Morhan; o Dr. Jorge Jambeiro, assessor técnico; o Sr. Isaías Tosta Ribeiro, filho de pais separados pela hanseníase, também presente.

Vou tentar fazer uma fala, tinha combinado com o meu amigo ali do computador, não trouxe *slides*, trouxe apenas fotos e com fotos vou tentar ilustrar para vocês o que aconteceu e o que vem acontecendo. As fotos estão um pouco fora de ordem, mas eu vou contextualizando para que haja o entendimento correto de todas.

Primeiramente, o Morhan, a partir de 2006, começou uma luta na questão da organização dos portadores de hanseníase. E como foi que começou essa luta, por quê? Porque o Japão foi o primeiro país do mundo a indenizar os ex-portadores de hanseníase. A política de segregação com a internação compulsória foi feita no mundo todo, só que no



Japão houve uma diferença. No ano de 1990, os ex-portadores de hanseníase entraram na Suprema Corte japonesa para terem o direito de sair das colônias, porque até 1990 eles estavam presos nas colônias. Depois de conseguirem o direito de sair, eles entraram também na Suprema Corte japonesa para terem o direito à indenização por danos morais e ganharam essa indenização. O governo japonês não recorreu e a indenização saiu em 1991, mais ou menos.

Então, a partir daí, já na década de 90, o Morhan já falava nessa indenização, mas ela só veio a se concretizar mesmo a partir de 2006, mais ou menos, com o ex-senador e hoje governador do Estado do Acre Tião Viana, que foi amigo do Bacurau, fundador do Morhan, um ex-portador de hanseníase que fundou em São Paulo o movimento que atualmente ganhou esse nível que tem hoje, sendo reconhecido internacionalmente e estando presente em todos os Estados do Brasil. E o Tião Viana, atendendo a um pedido antigo do Bacurau, viu que era o momento e propôs um projeto de lei criando a indenização para os ex-portadores de hanseníase.

Lula tomou conhecimento desse projeto quando uma caravana do Morhan foi a Brasília, cerca de 300 pessoas, sem agenda. O ministro Gilberto Carvalho, na época, nos atendeu e disse: “Vou tentar trazer o presidente aqui, mas a gente não garante nada.” E o Lula, muito sensível, desceu e atendeu todo mundo. Conversou com a gente cerca de duas, três horas. Entendeu a situação, conversou com o Tião Viana. Isso foi em abril. Um mês depois, ele editou a Medida Provisória nº 373, que foi convertida na Lei nº 11.520, que garantiu a todo ex-portador de hanseníase internado compulsoriamente em algum hospital-colônia uma indenização mensal e vitalícia. Quando foi criada, era de R\$ 750,00. Hoje está em torno de R\$ 1.100,00, por causa das correções.

Assim que saiu a lei, vimos que havia um problema: ela saiu sem contemplar os filhos. Os filhos que foram separados dos pais também foram vítimas. A legislação que separava os pais dos filhos e internava os pais nas colônias era a mesma que separava os filhos das mães. Internamente, no Morhan, fizemos um acordo. Na hora em que 70% das indenizações fossem concedidas, iríamos começar a luta pela questão dos filhos. Tínhamos



um cálculo de que chegaríamos mais ou menos a 10 mil indenizações na questão dos pais. Em 2010, foram pagas 6 mil, e achamos que era o momento de começar a lutar pelos filhos.

Desde março estou na Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República. Faço parte da comissão que julga esse processo de indenização da Lei nº 11.520. Substituí o Cristiano, que dela fazia parte até março e por problemas de saúde não pôde permanecer mais. Paralela a ela, também foi criada dentro da secretaria uma outra, da qual fiz parte junto com a Tereza, aquela do vídeo e que reencontrou a sua irmã, e Edmílson, do Pará - uma comissão de filhos separados. Esta fez, junto com a Secretaria Especial dos Direitos Humanos, um estudo que veio mostrar por que o Estado brasileiro precisa indenizar os filhos separados. Fizemos um apanhado das leis, da legislação, de tudo o que aconteceu e apuramos por que o Estado brasileiro tinha de indenizá-los. Nesse porquê, pudemos apontar uma série de crimes cometidos pelo Estado, como os maus-tratos nas instituições, nos educandários, no preventório, a questão dos abusos sexuais e da tortura dentro delas. Aí, sabemos que estamos falando de crimes contra o ser humano, portanto crimes contra os direitos humanos. E esses tipos de crime contra a dignidade da pessoa humana não estão prescritos, são imprescritíveis.

Fizemos uma série de levantamentos - um documento especial da Secretaria Especial dos Direitos Humanos, mais um documento do Morhan, e lá nós o representávamos - propondo que o governo institísse uma indenização para reparar esses filhos separados que também foram vítimas da mesma política. A partir daí, começamos a fazer audiências públicas no Brasil todo, como estamos fazendo aqui hoje. E também entrevistas em jornais. Em outubro do ano passado, fomos ao Japão participar de um *workshop* sobre a preservação da história da hanseníase no mundo, com outras delegações internacionais, e colocamos essa questão de que o Brasil poderia vir a indenizar os filhos separados. O pessoal em geral gostou da ideia, e o da Malásia começou a correr atrás disso. Hoje, corre-se o risco de a Malásia indenizar os filhos separados ainda primeiro do que o Brasil. Nós começamos essa luta, e ela está correndo o mundo.

Lá no Japão, fiquei muito impressionado com uma coisa. Tivemos a oportunidade de conhecer duas colônias. Quando chegamos a uma colônia, a pessoa convida a gente para



entrar na casa, aquela coisa. E as pessoas têm fetos de 5 meses, 6 meses no armário, guardados em vidros com formol. E a pessoa diz para a gente que esse era o filho que ela teve que abortar quando tinha 5 meses, 6 meses de gestação.

No Japão, a política de segregação era tão maldosa, pior que a do Brasil. Lá, não podia nem ter filho dentro da colônia. Se a mulher contraísse a doença e fosse para dentro da colônia era obrigada a abortar. Quando alguém entrava na colônia era esterilizado. Então, foi uma política perversa que aconteceu no mundo todo. Muda um pouco de região para região, mas é praticamente a mesma coisa no mundo todo.

Em setembro, agora, estivemos na Bélgica, no 18º Congresso Internacional sobre Leprologia. Primeiro, colocamos essa questão dos direitos humanos, essa reparação da questão dos filhos separados. A sociedade acadêmica, mais de 120 países reunidos nesse congresso, propôs que os termos, tanto lepra quanto leproso, sejam banidos da escrita mundial.

O Morhan, em 1990, conseguiu que se fizesse uma lei em nível nacional proibindo os termos lepra ou leproso serem publicados no Brasil, a não ser se for uma citação histórica. A única exceção é a Bíblia porque se trata de um livro histórico e não se pode mexer na tradição bíblica. No Brasil, desde 1990, por lei, nada é publicado com esses termos. A comunidade acadêmica internacional, em setembro deste ano, veio referendar o que o Morhan conseguiu no Brasil há 23 anos.

O movimento social é importante na construção das políticas públicas porque quem está na base é que sabe onde dói, onde está o problema, onde o calo aperta, como popularmente falamos.

Como está, hoje, a questão da indenização? Hoje, existe no Congresso Nacional uma frente, Frente Nacional de Erradicação da Hanseníase, que trabalha em duas áreas. Primeiro, para erradicar a doença. O Brasil, hoje, é o segundo País do mundo em número de casos da doença, cerca de 33 mil novos casos, mas quando você divide a população do Brasil pelo número de casos, é o primeiro do mundo em prevalência. Na Índia, apesar de ter 90 mil casos por ano, para uma população de 1 bilhão e 300 milhões de habitantes, a situação é considerada controlada. A nossa, não.



Para a OMS considerar controlada a hanseníase em um país é preciso que se tenha menos de 10 casos para cada 100 mil habitantes, e no Brasil esse número ainda está em 18.

O índice epidemiológico na Bahia não é tão preocupante, é considerado um estado com índice intermediário, mais ou menos. Como sou de Minas Gerais, temos uma grande preocupação com o Estado da Bahia com a questão do Sul da Bahia. A região de Teixeira de Freitas, Alcobaça, a região litorânea, que é divisa com Minas, os nossos principais *clusters* da hanseníase estão sempre ligados naquela divisa ali. E temos uma parceria com os franciscanos para a eliminação da hanseníase. Fazemos muita campanha lá e sabemos que há muitos casos ocultos.

Vamos aproveitar que estamos aqui, na Assembleia Legislativa da Bahia, e pedir uma atenção especial à Região Sul da Bahia. Precisamos dar uma intensificada na divisa com Minas, que tem muito caso oculto. Se no Brasil há 33 mil novos casos, para cada um caso que é diagnosticado de hanseníase existem três que estão ocultos. Então, se temos 33 mil casos, há 99 mil que estamos precisando diagnosticar. Esse é um número muito grande, e requer atenção e esforço de todos.

Essa frente parlamentar nacional, além da erradicação da doença, o principal objetivo dela é a indenização dos filhos separados. No dia 14 de agosto, lançamos essa frente em Brasília, cujo presidente é o deputado federal Nilmário Miranda. No mesmo dia conseguimos uma audiência no Palácio do Planalto. Quem nos atendeu foi o ministro Gilberto de Carvalho, juntamente com a ministra de Direitos Humanos, Maria do Rosário. E o ministro Gilberto de Carvalho anunciou que a presidenta Dilma vai indenizar os filhos separados.

A partir de 14 de agosto, tivemos várias reuniões, tanto com o governo federal como com o Congresso.

O que está pegando ainda? Por que essas indenizações ainda não saíram? Por isso a importância desse momento aqui, hoje.

Precisamos fazer o que chamamos de pressão política.

O nosso amigo Antônio John, da Secretaria da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos, fala que governo e feijão só funcionam com pressão. A gente está precisando



desta pressão. A gente está precisando que a Assembleia Legislativa da Bahia faça este manifesto de apoio à questão dos filhos separados, mobilize a bancada baiana de deputados federais para ingressar nesta frente parlamentar para dar uma força e que mobilize, também, os três senadores da Bahia para fazer coro junto com os outros senadores de outros estados para poder sair esta pensão.

A gente sabe que esta pensão não sai este ano. Mas a gente precisava que o Poder Executivo mandasse, ao menos, para o Congresso Nacional, durante este ano, porque o próximo será ano de eleição. E a gente sabe que grandes projetos, que causam custos para o Executivo, em ano de eleição, são muito debatidos e questionados. E, aqui, nós estamos falando sobre direitos.

Então queríamos garantir que, ainda este ano, o Executivo mandasse este projeto para o Congresso Nacional, pois, no próximo ano, faremos a luta por lá. Aí, pedimos o apoio do deputado que já está puxando esta frente aqui para endossar nosso coro a esta mobilização. Assim, ficaremos firmes nesta luta pela conquista da indenização.

O governo federal propôs que se fizesse uma indenização no valor de R\$ 30 mil para cada filho separado. A gente não aceitou. A gente achou tal quantia muito pouco. Na verdade, dinheiro nenhum paga o que vocês passaram em instituições, preventórios e educandários. Mas achamos R\$ 30 mil uma quantia que não representa uma indenização. E, aí, a gente está esperando uma nova proposta do governo federal para ver se a gente aceita, se bate o martelo e como fica.

Então, já tivemos esta proposta de R\$ 30 mil. A gente acha que tal quantia não representa um valor de caráter indenizatório. Por isso pedimos este apoio e, também, que a Assembleia Legislativa mande ao governador Jaques Wagner o pedido de apoio para esta causa.

Já recebemos o apoio dos governadores Sérgio Cabral e Tião Viana, respectivamente do Rio de Janeiro e do Acre. Há um outro governador – não lembro o nome agora – que, também, apoia esta causa e já está junto com a gente no Morhan – Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase.



Portanto, pedimos também ao governador Jaques Wagner, aqui na Bahia, para entrar nesta causa com a gente para tentarmos que esta indenização saia o mais rápido possível. Que o Executivo mande ainda, ainda durante este ano, para o Congresso para não cairmos nessa questão eleitoral, porque é uma indenização muito importante, uma conquista de direitos humanos, um reconhecimento do erro do Estado. E uma conquista dessa magnitude, não podemos desmerecer só porque é um ano eleitoral.

Pedimos a ajuda de vocês e de todo mundo que está nesta luta com a gente. Estamos à disposição para o que for preciso. A gente está reforçando, mandando dados e mais o que for preciso para que possamos sair vitoriosos nesta luta.

O Morhan agradece esta audiência e a presença de todos vocês aqui.

Recebam o nosso muito obrigado. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)



7806-III

Ses. Esp. 06/12/13

Or. Jorge Jambeiro

Reparação para os filhos dos portadores de Hanseníase na Bahia e no Brasil.

O Sr. PRESIDENTE (Sidelvan Nóbrega):- Obrigado, Thiago.

Quero passar a palavra, agora, a um dos grandes defensores desta luta contra a hanseníase no estado da Bahia, Dr. Jorge Jambeiro, pessoa que eu conheço há uns 10 anos, tempo em que ele vem defendendo esta luta. Gostaria de ouvi-lo desta tribuna.

O Sr. JORGE JAMBEIRO:- Bom-dia a todos!

Saúdo o Sr. Presidente Sidelvan, meu companheiro lá da Câmara Municipal de Salvador por um monte de tempo; Isaías, Názaró, Ceuci, Barone, Thiago, todos os que estão na luta, principalmente, vocês que estão aqui na plateia.

Quero dizer que, hoje, foi feita uma homenagem a Nelson Mandela. E eu queria, realmente, fazer uma homenagem a dois homens que foram os responsáveis por eu estar na política: Sr. Edilberto Almeida e Sr. Antônio Borges. (Muitas palmas) Se alguém não sabe quem são essas pessoas, posso dizer a vocês que se eu tive um mandato por 16 anos, eu devo, exatamente, a essas duas pessoas. Lembro-me, perfeitamente, que em 1989 recebia no Dom Rodrigo, Ceuci, o nosso querido Dom Rodrigo, que hoje estão destruindo – estão destruindo o Hospital Rodrigo de Menezes, não estão construindo nada. Conheço Mato Grosso e sei que lá foi construído um hospital. Mas não se destruiu nada! Aí me lembro de que em 1989, deputado Sidelvan, recebi uma placa do Sr. Edilberto Almeida, o médico mais importante da hanseníase do Brasil. Ele me dizia uma coisa que eu nunca me esqueci: “Dr. Jambeiro, o senhor colocou mais pessoas para andar do que Jesus Cristo na Bíblia”. O que ele quis dizer com aquilo? Ele quis dizer que o trabalho do médico é capaz de fazer isso pelas pessoas.

E como é que tudo isso começou? Começou lá no Hospital Santa Izabel. Eu me lembro de que Edilberto Almeida levou para lá uma paciente e ficou impressionado. “Qual é o problema, Edilberto?” Pela primeira vez, um médico toca na paciente, mesmo sabendo que ela é uma paciente com hanseníase. Então, o sofrimento deles não é um sofrimento de agora, e não para agora. Se houve injustiça na separação dos filhos, é uma injustiça irreparável.



Thiago, Arthur, Názero, vocês têm toda a razão. A luta tem de ser de cada uma das pessoas. Você veja como houve uma mobilização mundial porque se separaram 5 crianças daquela mãe em Monte Santo. E aquilo era rotina, era oficial, não era um acontecimento, era uma obrigação. Lembro-me de que quando fui vereador, fiz uma sessão dessa lá na Câmara, com a presença de todas as pessoas. E é isso mesmo, cada um tem que fazer um pouco.

Mas quero dizer que, continuando com Sr. Edilberto e o Sr. Antônio Almeida, Sidelvan, ele um dia me disse assim: “Dr. Jambeiro, o senhor acha que faz muito pela hanseníase?” Eu disse assim: “Espere aí, Sr. Borges, o senhor me deu uma placa, me fez aquele discurso, foi tudo mentira?” Ele disse: “Olhe, Dr. Jambeiro, na verdade, o senhor está fazendo trabalhos cada vez melhores, cada vez o seu nome está mais conhecido dentro da Faculdade”. “Eu tenho mestrado, eu sou doutor em medicina, exatamente com a tese sobre a hanseníase. A minha tese de doutorado foi em cima da hanseníase”. E ele: “Então, com tudo isso, o senhor acha que fez muito?” Eu disse: “O que o senhor diz?” Ele disse: “Só quem transforma é a política. Cada vez que o senhor faz isso a hanseníase está pior”. Porque hoje o que se aceitava... Quando a pessoa tem uma mão insensível, antigamente isso não era nada. Até o Ministério não considerava que uma mão insensível fosse uma incapacidade. Imagine o que é você ter uma mão insensível? Você não sentir a mão do seu neto, não sentir o corpo da sua mulher, isso é a mão insensível. Não sente! Hoje, o que precisamos é acabar a hanseníase, eliminar a hanseníase, não se concebe um País como este ter a hanseníase como uma doença tão cruel. E a crueldade não é só no diagnóstico da doença, é nas deformidades, nas incapacidades que nós, médicos, estudantes de medicina, professores, homens, cidadãos, nos insensibilizamos.

Quero, realmente, estar aqui com vocês, acabou o meu mandato, mas não acabou o meu compromisso com a hanseníase. Vocês sabem que eu continuo indo às terças-feiras, pela manhã, ao Hospital Dom Rodrigo, e vou com muito prazer. E vou lá e digo a Názero toda hora: “Názero, é você quem manda aqui. Eu sou apenas um assessor, eu tenho essa carteirinha, assinada por Edilberto, como assessor-médico do Morhan”. Não fui demitido, então considero que ainda tenho esse cargo. Não é remunerado, mas também não importa! Tudo o que tenho na minha vida, deputado Sidelvan, foram eles que me deram de mais



importante. Sabe como devolvo a eles? Tenho uma filha dermatologista que está há um ano com Norma Foz, talvez a pessoa mais capacitada para trabalhar nessa área da hanseníase. Fico muito feliz por ter essa pessoa dentro da minha família e que, com tantos anos de dedicação, continua achando que devemos continuar nisso, não devemos parar.

Convidado por Sidelvan, estou do lado de vocês, continuo nessa briga e agora estou muito mais feliz por poder brigar sem mandato. O mandato é uma circunstância, ser ligado à hanseníase é um compromisso.

Quero terminar a minha fala sinceramente agradecendo a vocês. Talvez ninguém tenha gostado tanto de mim quanto vocês, portadores, ex-portadores, amigos. Se alguém nesta vida gosta e gostou de mim, foram vocês.

Muito obrigado a vocês por tudo que fizeram por mim. Estou ao lado de vocês.
(Palmas!)

(Não foi revisto pelo orador.)



7807-III

Ses. Esp. 06/12/13

Or. Náزارo de Jesus Costa

Reparação para os filhos dos portadores de Hanseníase na Bahia e no Brasil.

O Sr. PRESIDENTE (Sidelvan Nóbrega):- Parabéns, Jorge Jambeiro!

Quero registrar que, quando fomos procurados para ingressar nessas frentes de batalha, uma das primeiras coisas que disse foi que um dos maiores defensores dos direitos dessas pessoas que eu já conheci é o Dr. Jorge Jambeiro. O senhor está aqui não por ser meu amigo, mas por mérito. E esta sessão não estaria completa se V.S^a nela não estivesse para falar.

Muito obrigado por ter vindo.

O Sr. PRESIDENTE (Sidelvan Nóbrega):- Quero dar a palavra ao nosso amigo Náزارo, coordenador estadual do Morhan aqui na Bahia.

O Sr. NÁZARO DE JESUS COSTA:- Bom-dia, companheiros. Estamos todos aqui novamente.

Em primeiro lugar, quero agradecer a Deus porque nos permitiu estar aqui. Em segundo lugar, quero agradecer ao deputado Sidelvan Nóbrega, único deputado que achei para querer sentar com a gente, conversar e entender o que era a hanseníase. Não me esqueço que, quando ele passou a conhecer a hanseníase, disse “Vou lhe ajudar”. Encaminhou a nós, do Morhan, ao Dr. Almiro Sena, secretário da Justiça, e ao Dr. Alexandre Paroni, que nos recebeu muito bem, nos orientou e está nos ajudando. Agradecemos ao Sidelvan, pois foi quem abriu as portas para nós.

O médico Jorge Jambeiro, nem se fala. Conheço-o há 28 anos nessa luta. Não larga, não sai, e todos gostam dele. Mal da gente se não fosse o Jorge Jambeiro. Não falo do Jorge Jambeiro político. Falo do Jorge Jambeiro médico, um ser humano que gosta de trabalhar por hanseniano. Parabéns, Dr. Jambeiro, por sua atitude, por apoiar essa nossa luta! Temos muito que agradecer ao senhor.



Agradeço também ao Thiago, que veio de Brasília para estar junto conosco, nos dando apoio. Antes estávamos sozinhos. Mas agora, com certeza, sei que podemos brigar, pois temos muita gente grande ao nosso lado nos ajudando.

Muito obrigado, deputado, por tudo que têm feito e por esta recepção que nos preparou e para os filhos separados.

Que Jesus nos abençoe. (Palmas!)

(Não foi revisto pelo orador.)



7808-III

Ses. Esp. 06/12/2013

Or. Isaías Costa Ribeiro

Reparação para os filhos dos portadores de Hanseníase na Bahia e no Brasil.

O Sr. PRESIDENTE (Sidelvan Nóbrega):- Quero passar a palavra – eu pedi para colocá-lo na Mesa – ao Sr. Isaías Costa Ribeiro, que foi separado dos seus pais por conta da Hanseníase. Gostaria que o senhor falasse para nós, porque acho importante esse testemunho. Por gentileza, pode fazer uso da palavra.

O Sr. ISAÍAS COSTA RIBEIRO:- Emxº Sr. Sidelvan Nóbrega, é um prazer estar na presença de V.Exª. Agradeço a V.Exª em nome de todos. Falarei por tópicos para vocês saberem o que é o sofrimento de um filho não ser criado pelos seus pais, e nem saber o porquê. Nós não sabíamos porque éramos criados no Educandário Eunice Weaver. Começarei a relatar os tópicos da história dos meus sete anos em diante, porque, a partir daí, eu me lembro. Foi um sofrimento muito grande!

Para que vocês saibam, se uma criança, naquela época, era sabida, consideravam-na como traquina. Aí era assim: “Abra as mãos!”, e recebíamos meia dúzia de palmatória nas mãos. Foi um sofrimento muito grande!

Segundo, como eram os encontros que tínhamos com os nossos pais. Quero que vocês entendam como era essa doença nos anos 50. Nas visitas as crianças ficavam dentro de um veículo. Ainda me lembro a marca das viaturas que nos levavam, era uma Chevrolet americana e a outra do leprosário – ainda bem que, no ano passado, trocaram esse nome – era uma GMC. Dessa segunda viatura, da GMC, criança nenhuma saía. Nem as crianças, nem as escadinhas saíam, mas nós não entendíamos. Provavelmente, o sofrimento maior era dos nossos pais, porque nós não sabíamos.

Aí houve uma mudança. Houve uma grande mudança nas visitas do Dia dos Pais, do Dia das Mães e do Natal. Na estrada, que, hoje, temos prédios, e naquela tempo era uma fazenda, havia uma ponte onde os meus amigos Américo e Antônio – levante a mão Antônio – criavam curios. Era nessa ponte entre o leprosário e a Pedra Preta que os encontros ocorriam. Depois houve outra mudança, e eu prestando atenção. Até hoje sei disso! Depois



fomos para o campo de futebol. As visitas eram num campo de futebol, mas a distância era de sete metros.

Numa coisa que prestei bem atenção até os dias de hoje é que existem diversas denominações dessa doença. Meu pai era um vivo-morto. No decorrer do tempo, cada visita que fazia aos meus pais sentia falta de alguma coisa nas mãos ou nos pés. Esses membros iam-se decompondo, decompondo.

Mas eu não sabia por que eu estava no no Educandário Eunice Weaver. É muito forte, hoje, passar para vocês o nosso sofrimento.

Depois, houve uma mudança para encontrarmos nossos pais, foi a presença das duas italianas: Dona Maria e Dona Francisca, que foi para a Itália, e frei Benjamin. Deve ter havido uma reunião entre o frei Benjamin, Dona Maria e Dona Francisca antes deles nos conduzirem para a capela do hospital e dizerem que meu pai era portador de lepra.

Chegado o momento em que acabava a visita, entrávamos no carro, íamos para o colégio, o Educandário Eunice Weaver, e os nossos pais ficavam lá. Eles diziam para esperarmos o Dia dos Pais, o Dia das Mães e o outro Natal.

Vocês não têm ideia de como era no Educandário Eunice Weaver. Falei de criança sabida: “é traquinagem, abra a mão”. O sofrimento era grande demais. No Educandário havia um sino. Eram três batidas: a primeira, para arrumar o cabelo e calçar os pés; a segunda, caminhar pelo corredor para chegar ao refeitório; e a terceira, entrar. Se o cabelo não estivesse bem penteado, a pancada era terrível. Era muito sofrimento, gente. Não era fácil viver, e eu não sabia.

Um dia, o meu irmão gringo, minha alma gêmea, Antônio Fernandes da Silva, que tinha um pouco mais de sabedoria – nós éramos do mesmo tamanho, tanto que as gavetas para guardar a nossa roupa de diária eram próximas. Se não me engano, a minha era a 79 e a dele, 78 –, convidou-me para subir na goiabeira e colher goiabas. Não sei se vocês conhecem ouricuri. Da talha do ouricuri nós fazíamos cinto, porque não usávamos calça, era macacão de mescla azul – eu subi nesse pé de goiaba e arrumei as goiabas na cintura, porque estava de pindoba. Aí ouvi um grito: “Isaías, estou lhe vendo, eu estou lhe vendo. Pode descer!” Eu disse: hum, já sei...



Na porta do educandário, havia uma porta larga, estava Marieta Cravo da Rocha. Olhem o nome dela: Marieta Cravo da Rocha. De cravo ela não tinha nada. Ela fez assim: “Isaías, solte o cinto!” Eu soltei, porque quem estava com as goiabas era eu. Gringo não estava com as goiabas, não, porque ele não subiu, fui eu que subi. Soltei o cinto, as goiabas caíram. Ela então contou: “um, dois, três.... 12 goiabas!” “Abra a mão – 12 bolos!”. Doze bolos! Tem mais. Depois desses 12 bolos, todos nós da época – não sei hoje, os da época, dos anos de 1951... Eu nasci em 1951. Em 1971, eu saí com 20 anos. As coisas, além da palmatória – o Sr. Conhece, Dr. Jambeiro, o senhor conhece! – havia o cipó caboclo, tratado com sebo de boi para ele ficar maleável... “Isaías, você e Gringo me acompanhem.” Ela abriu a porta e mandou-nos para o quarto escuro onde ficamos uma semana e dali só saíamos para dormir. E o prato, o feijão, o café, o almoço de meio-dia... Era assim: abria a porta do quarto escuro e colocava o prato por baixo. Uma semana! Quando saímos desse quarto... não se tem ideia: a gente saiu se batendo pelas paredes por causa da claridade, estávamos no escuro! Saímos do escuro, agora estamos na claridade. Que diferença tamanha!

Sempre essa pessoa Marieta Cravo da Rocha, sempre, sempre – tenho isso na minha lembrança... Para vocês terem uma ideia, era assim: eu estava no berçário porque sou uma criança! Eu nasci, então, é no berçário. Quem tomou conta de nós e da das demais crianças foi uma senhora chamada dona Isaura. Ela era enfermeira adquirida aqui no Tororó. Foi uma mãe pra gente. A falta da mãe, encontrávamos na mãe dona Isaura. Com certeza, pode perguntar a eles. Mas essa Marieta Cravo da Rocha... Eu cresci. Prestem atenção: eu cresci. Aí chegou o dia de encerar o dormitório. Não sei se vocês conheceram palha de aço. Palha de Aço! Ela nos entregava palha de aço e nós arrumávamos papelão, para não cortar a mão, e na posição – naquele tempo não existia cerâmica, era taco – que fosse – diagonal, vertical, horizontal, era a maneira que passávamos a palha de aço. Se nós tivéssemos algum erro, e no momento em que ela chegasse encontrasse taco em que a palha de aço foi passada errado, eram, de novo, outras pancadas.

Nesse dia eu fiz uma música, é sofrimento, gente, vocês não sabem o que é ser criado sem pai e sem mãe. Mas mesmo assim, naquele tempo não existia enceradeira, era vassourão, eu vestia um saco de feijão para encerar, na época a cera era Parquetina. E nesse



dia eu fiz uma música: Marieta Cravo da Rocha quando aperta, ela afrouxa. (Risos) O danado do gringo, sempre gringo. Quando eu falar aqui, as pessoas vão se lembrar, são duas varandas, uma que tem acesso ao refeitório, do berçário ao refeitório, e a outra, ia da enfermaria à copa e cozinha, e nós estávamos aguardando o almoço, parece-me que ela vinha passando, ele disse assim: “Isaías, aquela musiquinha!” Rapaz, eu não sabia que ela estava perto de mim, e eu cantei a música. Pense o cipó-caboclo! Quando terminei de cantar, ela me colocou os adjetivos, e quando olhei para ela assim, ela botou todos eles, o gringo, todos eles atrás de mim, cercando, cercando...

(Um senhor da plenária entrega um aviso para o Sr. Isaías.)

O Sr. ISAÍAS COSTA RIBEIRO:- O seu tempo está esgotado.

Está certo, muito obrigado. Mas só estou apenas passando para vocês, e é muita coisa, o que foi nascer de uma família e ser criado em um orfanato.

Muito obrigado. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-03

Ses. Esp. 06/12/13

O Sr. PRESIDENTE (Sidelvan Nóbrega):- Muito obrigado, Sr. Isaías. Ele tem uma memória boa, não é pessoal, os mínimos detalhes, ele guarda.

Bom, pessoal, estamos finalizando a nossa audiência pública. Queria agradecer e registrar a presença do reverendíssimo padre Freidmam de Caprini, não sei se é essa a pronúncia, que é capelão, membro do Conselho de Saúde e amigo do Hospital Dom Rodrigo. Obrigado pela sua presença nesta sessão, que muito nos honra. (Palmas.)

Gostaria também de dizer a todos e todas que aqui estão: acho que temos duas missões importantes, Thiago. Como parlamentar nesta Casa, encaminhar ao secretário Solla essa questão do Baixo Sul que você nos abordou aqui, com relação a um trabalho mais específico nessa região, e também estaremos, a nossa assessoria já está ciente disso, já conversamos com eles agora, encaminhando ao governo do Estado um pedido dele à presidente Dilma Rousseff, e também fazer um pedido ao secretário Almiro Sena, que faz parte do Partido Republicano Brasileiro, que está à frente dessa secretaria no Estado da Bahia, pedir a ele também para reforçar esse pedido ao governador Wagner, e estaremos também enviando um ofício para todos os deputados federais da Bahia. Jorge Jambeiro tem grandes amigos deputados que podem nos ajudar nisso enviando a todos eles um ofício nesse sentido. Pode-se, também, enviar tais ofícios a todos os senadores como Walter Pinheiro, Lídice da Mata e João Durval. Quanto a Walter Pinheiro, ligarei pessoalmente para ele hoje a fim de pedir que levante, no Congresso Nacional, esta bandeira e esta discussão através da tribuna, ao menos, nesses últimos dias de sessão para falar sobre este assunto e cobrar da presidente Dilma Rousseff para que seja feito isso.

Não importa o fato de que o próximo ano seja de eleição. Não estamos trabalhando para ter voto. Temos de trabalhar para que as pessoas tenham aquilo que lhes é de direito. O ano eleitoral é um detalhe. Esta é a nossa missão.

Então, é este o encaminhamento que tiramos daqui.



Agradeço a todos vocês por estarem aqui presentes e aos novos amigos que fizemos.

Jambeiro, gostaria de dizer que o meu mandato é o seu mandato. Quanto ao que o senhor precisar nesta Casa para defender essas pessoas, que a minha voz seja a sua ecoada aqui dentro, a fim de que possamos ter grande êxito nesta luta.

Acho importante não apenas este montante de indenização. Mas acho esta uma luta permanente. Temos outras batalhas pela frente para que possamos tirar o Brasil desse número em que se encontra. Esta é uma batalha, Jambeiro, que você pode nos ajudar muito e nos usar, também neste mandato, para que possamos fazer isso.

Quero agradecer a presença de todos, de todos os colaboradores desta sessão, de minhas amigas que nos ajudaram como as pessoas do cerimonial e da taquigrafia e de todos os que vieram.

Antes de encerrar, quero convidar todos para, de pé, ouvirmos a execução de nosso Hino da Bahia.

(Procede-se à execução do Hino da Bahia.)

O Sr. PRESIDENTE (Sidelvan Nóbrega):- Antes de encerrar a sessão, quero fazer uma correção que Barone fez aqui: não é ficar de pé para cantar o hino, mas ficar em posição de respeito. Muito obrigado, Barone, pelo ensinamento.

Agradeço as presenças do Sr. Isaías Costa, do doutor e amigo Jorge Jambeiro, do Sr. Názaró Costa, do Thiago, da Dr^a Ceuci Nunes e do Alexandre Barone.

Tiago quer dar uma palavra a os senhores.

O Sr. Thiago Flores:- O ano está acabando, mas, no próximo dia 10, temos atividades em Brasília, em respeito aos filhos separados. Quando eu sair daqui, na segunda-feira, vou direito para Brasília encontrar com Artur lá e vamos tentar uma audiência com a ministra do Planejamento, que é a mulher que tranca o cofre lá em Brasília. E, no dia 18, vamos receber em Brasília o embaixador da ONU no Brasil “Pela Erradicação da Hanseníase”. Ele vai estar numa sessão da Frente Parlamentar do Congresso Nacional, com a ministra dos Direitos Humanos e com o ministro da Saúde. Se o senhor puder participar, nós ficaríamos muito honrados com sua presença.



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA

O Sr. PRESIDENTE (Sidelvan Nóbrega):- Agradeço mais uma vez a presença de todos e encerrar a presente sessão.